

Apesar dos gestores anunciarem no site da PUC-SP e da Fundação São Paulo as vantagens do novo projeto a ser erguido no Corredor da Cardoso, a comunidade que trabalha ou estuda no local, em sua maioria, continua sem saber para onde vai no próximo semestre, ou nesta semana, como é o caso da AFAPUC. Na sexta-feira, 3/6, os estudantes tiveram uma reunião aberta com o reitor Dirceu de Mello e a diretora do campus Marcia Alvim para debater suas reivindicações, tiradas em assembleia.

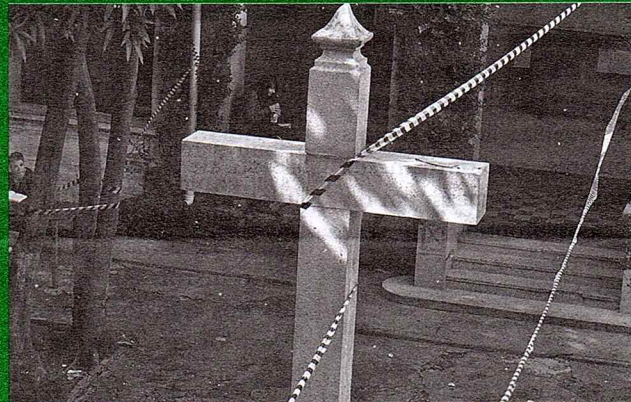
Na terça-feira, 31/5, os estudantes se reuniram e tiraram posicionamentos em relação à reforma da Faficla. Os discentes ressaltaram não serem contrários a reforma, mas deliberaram que nenhum curso deve sair do campus Monte Alegre e na impossibilidade de realocação nos prédios velho e novo deve-se encontrar um espaço ainda nos quarteirões do campus; os espaços das entidades - Centro Acadêmico, Atlético e Coordenação de Departamento - devem permanecer no campus; a garantia de que todos os cursos que sairão do Corredor da Cardoso, retornem; e que todos os compromissos sejam assumidos tanto pela reitoria, quanto pela Fundação São Paulo.

Na reunião o reitor e a diretora não apresentaram grandes novidades à comunidade, frustrando estudantes, professores e funcionários presentes. Locais para possíveis realocações, seja no campus Monte Alegre ou nos arredores, prazos para as desocupações ou para onde vão as entidades, seguem

## Reformas no Corredor da Cardoso

# CONTINUA A INDEFINIÇÃO

**Mas reitor afirma que abandonará o cargo caso a comunidade fique sem ter para onde ir**



Guilherme Zocchio

**Estudantes protestam colocando fitas no Pátio da Cruz**

uma incógnita para todos.

O reitor, entretanto, assumiu o compromisso de que nenhuma obra que afete as aulas terá início antes

da desocupação total dos prédios, caso contrário, o ele abandonará o cargo.

Promessa parecida, em relação ao início das obras,

já havia sido feita à AFA-PUC dias atrás, mas as obras se iniciaram ainda com os funcionários trabalhando lá dentro (leia mais no box abaixo).

## FITAÇO

Alertando para os demais estudantes do campus Monte Alegre sobre a falta de transparência de todo o processo, os estudantes da Faficla se manifestaram colando cartazes e passando fitas de isolamento por toda a universidade. Prainha, Faficla e Pátio da Cruz, foram "interditados" pelos discentes.

No dia seguinte, todos os cartazes e fitas haviam sido removidos. Ao saber das remoções, o reitor se mostrou surpreso e afirmou que a ordem não havia partido dele. Dirceu se comprometeu a descobrir de quem parte esse tipo de ordem e garantiu que isso não mais acontecerá dentro da Pontifícia.

## Apesar dos percalços PUCviva consegue circular

Não foram poucas as pressões que a equipe do jornal PUCviva teve que enfrentar para que esta edição chegasse às rampas. Sediado no mesmo prédio da AFAPUC, que está sendo parcialmente demolido, tivemos de conviver com a falta de água, o corte dos fios de internet e telefone e o trancamento dos acessos para a entrada no jornal.

Há duas semanas a AFA-PUC recebeu do professor Dirceu de Mello a promessa de que a associação poderia ficar por

mais um mês em sua sede, enquanto se procurava outro local fora do Corredor. No entanto, a demolição da casa da frente da AFAPUC, o que incluía parte da área da associação, deixou a entidade com poucas condições de funcionamento.

Os funcionários têm que trabalhar com máscaras, em virtude da poeira que invade o local e estão expostos a resíduos que caem constantemente da obra, colocando em risco sua integridade física. Até o fechamento desta edição a diretoria da AFA-PUC ainda não sabia para onde

iria, os espaços oferecidos à associação não satisfizeram minimamente as suas necessidades. Pretendia-se alocar a entidade em espaços muito menores do que aqueles por ela ocupados, ou em salas da Fundação São Paulo, o que poderia inviabilizar politicamente a atividade sindical da associação.

Mas, enquanto uma definição não for tomada, o mínimo que se espera da Fundação São Paulo é que sejam respeitadas as condições de trabalho e integridade física daqueles que ocupam a AFAPUC.

140 ANOS  
COMUNA DE PARIS

# Debates sobre a importância e a atualidade da Comuna encerram evento

Contando com mais um dia de debates, as atividades de sexta, 27/5, último dia da semana de comemoração dos 140 anos da Comuna de Paris, se iniciaram pela manhã com a mediação de Gegê, militante do movimento de moradia. Diana Assunção, diretora do Sintusp, iniciou sua fala contando a vida de Louise Michel, mulher e militante que "foi a expressão máxima da luta das mulheres na Comuna" sendo lembrada como mulher enérgica e batalhadora, que ficava na linha de frente e na retaguarda, batalhando sem descanso e dedicando sua vida ao reconhecimento da Comuna.

Parabenizando a organização da Semana, Ramon Vilarino, pautou a leitura inicial de alguns textos clássicos, para que se pudesse inserir a comuna no contexto "da era do capital, era dos impérios", além de discutir a repercussão da Comuna em outros países, como na América Latina - que já tinha "um fantasma que assustava", a revolução haitiana, a qual deu origem a uma república negra, com efetiva abolição da escravidão. Lembrou também a

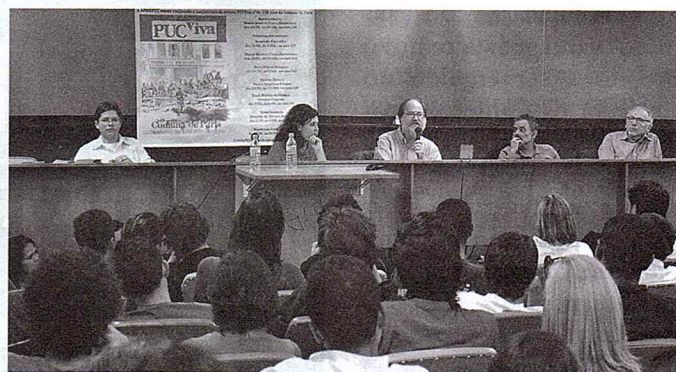
questão do Paraguai e dos projetos expansionistas de países da América do Sul, como Brasil e Argentina.

Destacando a importância da Comuna, Everaldo de Andrade, lembrou que essa experiência construiu o embrião de um novo poder político, a existência de uma dualidade de poderes, poder que rivalizou com o poder da burguesia. Colocou também a experiência da Revolução Russa, na busca da auto soberania dos trabalhadores, auto organização das massas populares, que buscam seu destino, se organizam em organismos próprios com seus ritmos de decisão, enfatizando também a experiência boliviana de 1971, de ressurgir a Comuna.

## ENCERRAMENTO

A mesa de encerramento da Semana começou animada, precedida por um debate entre estudantes, intelectuais e professores sobre autonomia do movimento estudantil.

O professor Sérgio Lessa, da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), expli-



FOTOS MARINA D'AQUINO

Na mesa de encerramento, Wanderson Fábio Melo, a estudante Thaís Pacheco, Antonio Rago, Sérgio Lessa e Lúcio Flávio.

cou que a luta contra a exploração do homem pelo homem não se limita a distribuir a renda, mas destruir essa exploração. Segundo ele, o que fundamenta o ser humano é a máxima de que "ao transformar o mundo, nós nos transformamos", e o explorado não faz essa transformação, pois só produz aquilo que a classe dominante quer. Assim, explica Lessa, o seu ser social não cresce.

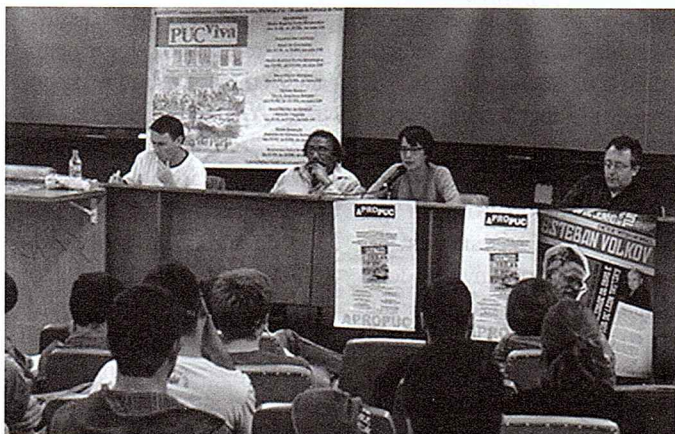
Segundo, Wanderson Fábio Melo, da UFF, a artista e militante Louise Michel relatou que o primeiro decreto da Comuna foi a separação entre ensino e Igreja no campo educacional, o que possibilitou a educação baseada na ciência. Ele também destacou o trabalho pedagógico desenvolvido por Louise durante 72 dias, através de imagens, levando as crianças em visitas aos museus de Paris onde aprendiam sobre história e arte.

O professor Antonio Rago Filho, do Departamento de História da PUC-SP, lembrou da experiência revolucionária que aconteceu na Espanha durante a Guerra Civil desse país, nos anos de 1930. Segundo ele, a Co-

muna, que durou apenas 15 dias, só foi possível pela união de todas as frentes de esquerda dos trabalhadores, anarquistas, comunistas, camponeses. "Eles resistiram porque colocaram suas vidas na revolução, e é isso que temos que fazer", ressaltou o professor.

Último a falar na mesa que encerrou o evento, o professor Lúcio Flávio Almeida, do Departamento de Política da PUC-SP, começou afirmando que "uma revolução nunca é igual a outra", já que, mesmo que as melhores perspectivas se cumpram, a revolução será desigual, por questões diversas como gênero e riquezas.

Ele ressaltou ainda que o socialismo não deve ser confundido com o estatismo, e que a Comuna constituiu um contra-Estado. Para Lúcio Flávio, nas próximas celebrações à Comuna não se deve ficar apenas criticando a experiência em si, sob o risco de concluir que na Revolução Russa todos os problemas foram resolvidos, pelo contrário, segundo ele, a questão é avançar na prática tanto quanto se avançou nas teorias.



Da esquerda para direita, Ramon Vilarino, Gegê, Diana Assunção e Everaldo de Andrade

140 ANOS  
COMUNA DE PARIS

# Comemorações revelaram que a PUC-SP ainda está viva

*Durante cinco dias a universidade vivenciou um evento que lembrou a combatividade e a reflexão que fizeram da PUC-SP uma referência no meio universitário. Com a organização da APROPUC, Núcleo de Estudos de Ideologia e Lutas Sociais (NEILS), Núcleo de História, Trabalho Ideologia e Poder e o Conselho dos Centros Acadêmicos da PUC-SP (CCA), apoiados pela Faculdade de Ciências Sociais, a comemoração dos 140 anos da Comuna de Paris uniu a comunidade interna e trouxe à PUC-SP um número significativo de militantes, representantes de movimentos sociais e da juventude.*

*Nestas duas páginas, professores e estudantes declinam a sua opinião sobre a importância do evento.*

## A avaliação da APROPUC

A comemoração dos 140 anos da Comuna de Paris, entre os dias 23 e 27/5, expressa um traço de continuidade da APROPUC, pois há dez anos, por ocasião da comemoração dos 130 anos da mesma Comuna, fizemos um evento semelhante, que ressalta o nosso combate teórico, político e organizativo. Sem descuidar da luta pela defesa das condições de trabalho e as lutas gerais da universidade, recuperar a história da Comuna representou a defesa de um legado histórico, no qual a classe operária tomou o poder político e estabele-

ceu um conjunto de medidas que representavam um verdadeiro projeto de emancipação social.

O aniversário da Comuna foi comemorado no Brasil e em outras partes do mundo, mas para nós da APROPUC isto representou um momento coletivo de trabalho, onde as salas permaneciam superlotadas com a participação efetiva dos professores e estudantes no debate. É de se destacar que as palestras contaram com a participação de professores e estudantes de outras cidades que vieram em caravanas para assistir aos debates. No mesmo sentido, secunda-

ristas compareceram e se posicionaram durante as mesas.

Paralelamente à luta política, a Comuna revelou outra faceta que é a luta pela liberdade de expressão artística, por isso os eventos artísticos que compuseram a comemoração colocaram-se também nesta perspectiva emancipatória.

O que lamentamos profundamente é que o Conselho de Administração não tenha se sensibilizado, negando apoio financeiro a um evento de tal magnitude como este.

**Bia Abramides - Presidente da APOPUC**

## A importância das comemorações da Comuna para a PUC-SP hoje

A realização da semana de atividades "Tomando o céu de assalto: 140 anos de experiência de auto-organização dos trabalhadores" tem um efeito muito importante para a PUC-SP hoje. Não foi simplesmente uma semana recheada de debates acalorados e atividades culturais belíssimas, mas sim um momento único no qual todos organizadores, debatedores e ouvintes vivenciaram uma possibilidade de unidade nas lutas que virão. Para a organização foi um momento raro atualmente em que a comunidade puquiana se une com professores, através de sua Associa-

ção de Professores (APOPUC) e seus núcleos de pesquisa; funcionários, tanto da APROPUC, da Casa dos Meninos e a videoteca da PUC, quanto dos Centros Acadêmicos; e estudantes, por meio do Conselho dos Centros Acadêmicos que envolvem gestões de CAs e coletivos presentes na universidade.

Para os ouvintes, pensamos que foi muito proveitosa a discussão de um tema muitas vezes retirado do currículo dos cursos principalmente da Faculdade de Ciências Sociais e que muitas vezes não chega ao ensino secundarista. A presença de pessoas do

Brasil inteiro ligados a núcleos de pesquisa, universidades e escolas favoreceu um amplo público em todas as mesas do período da manhã e noite.

Não podemos esquecer, infelizmente, do fraco esforço da administração da PUC-SP, incluindo o reitor e os dois conselheiros da Fundação São Paulo, que integram o Consad, na realização e sucesso do evento. Desde o aluguel de salas, porque atualmente nossos espaços têm que ser PAGOS e não favorece o uso da comunidade, o pagamento dos músicos não concedido dado à justificativa de ser 'ideológico'

(como se o seminário de teologia na mesma semana não o fosse), até os fatos mais burocráticos que encontramos tanto no uso de materiais como fio para internet (a autorização para o empréstimo somente com a presença de um professor), até a entrada com livros e revistas na faculdade para guardá-los após as mesas de debate. A PUC-SP de hoje não é mais nossa, mas não nos cansamos de lutar pela universidade que queremos. Parodiando os comunards: "Estamos aqui pela Universidade!"

**Conselho de Centros Acadêmicos**

140 ANOS  
COMUNA DE PARIS

**Viva a Comuna!  
Estamos aqui pela  
humanidade!**

"Tomando o Céu de Assalto" foi um dos eventos que se processou a par de vários outros comemorativos nas universidades brasileiras e internacionais. O empenho dos grupos envolvidos, a nossa APROPUC, com a presença cotidiana e decidida de sua diretoria e de seus funcionários, com a atuação firme e vigorosa dos membros do NEILS e do NEHTIPO e a aguerrida participação dos estudantes do CCA, simplesmente, fez renascer uma prática de excelência com teóricos e militantes de movimentos sociais, pondo de pé aquilo que nossa universidade teima em renunciar: atender demandas das classes subalternas. Pelejam por nos unir, com arte, música, filosofia, história, política, ética, nada obstante, os atuais tentáculos e obstáculos burocráticos. Quem presenciou a Semana se assustou com a pluralidade de posições, o respeito na diversidade de perspectivas, a atualidade das questões levantadas, a intensa participação do público. Os especialistas deram verdadeiras aulas sobre a Comuna de Paris e outras comunas. Uma revolução contra o Estado e que abalou os pilares do capital, mas também deixou os proprietários alarmados e prontos a entrar na guerra contra a classe trabalhadora que pôs como alvo a emancipação humana.

**Antonio Rago Filho (Coordenador do Núcleo de Estudos de História: trabalho, ideologia e poder-NEHTIPO)**

**Lúcio Flávio  
Rodrigues de Almeida**

Graças a um extraordinário esforço coletivo e plural, realizou-se na PUC-SP, de 23 à 27/5, uma excelente semana de atividades sobre a Comuna de Paris. Comunicações eruditas, debates acalorados, aula-teatro, música, reflexões e sensações mil a serem aprofundadas. Estas atividades se inserem perfeitamente no tripé docência-pesquisa-extensão. Cumprem, às duras penas, funções de uma universidade que, malgrado

## Uma riquíssima experiência cultural

os percalços do presente, pode se colocar à altura de seu passado no que se refere aos vínculos que manteve com o mundo "lá fora". Não nos rendemos à prática que restringe as relações entre universidade e sociedade ao figurino da ideologia dominante nesta última.

O NEILS participou de todas as fases de realização desta Semana e se congratula com as associações, demais núcleos de pesquisa, pesquisadores individuais, ativistas de múltiplos matizes e demais inquietos que for-

maram uma grande corrente, fornecendo material, trabalhando na infra, apresentando comunicações, intervindo nos debates, assistindo de perto e de longe, manifestando apoio.

Novos debates virão. E, a exemplo de tantas outras, é provável que novas comunas também.

**NEILS (Núcleo de Estudos de Ideologias e Lutas Sociais).**

**Lúcio Flávio Rodrigues de Almeida é professor do Departamento de Política e Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais e Coordenador do NEILS.**

## A precarização tem rosto de mulher

Em mais uma atividade de lançamento do livro "A precarização tem rosto de mulher", Diana Assunção, organizadora do livro e diretora do Sintusp, debateu na sede da APROPUC, junto a professora da UFSC, Cláudia Mazzei Nogueira, e as trabalhadoras terceirizadas Glória Oliveira e Silvana de Souza.

Diana explicou um pouco dos motivos que levaram-na a organizar o livro, entre elas, a necessidade do tema de ser debatido, principalmente, com as trabalhadoras terceirizadas, para que acumulem com a luta anterior, de 2005. Lembrou também a invisibilidade das terceirizadas, que não podem usufruir de setores básicos como restaurante e hospital universitário e centro esportivo. Já Cláudia enfatizou a ques-



**Da esq. para a dir.: Glória e Silvana, funcionárias terceirizadas, Diana Assunção e a professora Cláudia Mazzei**

ção da opressão à mulher se colocar não somente na esfera da precarização do trabalho, no âmbito público, mas principalmente no âmbito privado, no ambiente doméstico, e que todas essas relações fazem parte da lógica de manutenção do sistema capitalista, no qual o capital se opõe ao processo de emancipação da mulher. As trabalhadoras terce-

irizadas colocaram a importância dessa luta, da aliança com o Sintusp não apenas para a luta pelos seus direitos trabalhistas, mas por contribuir para seus processos de emancipação pessoal.

A professora e diretora da APROPUC, Bia Abramides, com problema de saúde, não pode comparecer ao debate.

## GAUCHE NA VIDA

# Uma entrevista de Esteban Volkov, neto de Trotsky

*Em 1988, Alan Woods entrevistou Esteban Volkov, o neto de Trotsky, no México. Por ocasião da visita de Esteban ao Brasil, nesta semana publicamos esta entrevista que trata das várias tentativas de assassinato contra Trotsky e sua família.*

*Entrevistei Esteban Volkov em uma sala do Museu Trotsky em Coyoacán, do qual ele é curador. Na noite de 24 de maio de 1940, Esteban Volkov, então com apenas 14 anos de idade, foi ferido em um ataque brutal de metralhadoras realizado por simpatizantes stalinistas, do qual a família de Trotsky milagrosamente escapou com vida. Sem emoção visível, Esteban me mostrou os buracos de bala que ainda permaneciam na parede do que havia sido seu quarto. Na sala de estudo ao lado, onde seu avô foi assassinado por um agente stalinista, perguntei a ele sobre o seu passado.*

**Alan Woods:** Sua família sofreu terrivelmente nas mãos dos stalinistas. Seu pai e sua irmã foram enviados para campos de concentração, e sua mãe, Zina, foi perseguida até o ponto de se suicidar. Que lembranças você tem dos mesmos e sua infância na Rússia?

**Esteban Volkov:** Da Rússia só tenho as mais fugazes lembranças. Eu tinha uma meia-irmã um pouco mais velha que eu. Ela ficou na Rússia e, como você diz, foi enviada para campos de concentração. Nunca mais se ouviu falar dela. Acho bem possível que ela ainda possa estar viva. Mas nunca mais ouvi falar dela.

Sobre o meu pai, não me lembro de tudo. Ele foi preso quando eu era muito jovem. Há

alguns anos, Pierre Broué me enviou uma foto que ele havia descoberto ao fazer alguma pesquisa. Essa foi a primeira vez que tive a oportunidade de ver o semblante de meu pai.

Quanto à minha mãe, nós nos separamos quando eu tinha sete anos, quando ela foi à Berlim para tratamento de um distúrbio nervoso. Isto aconteceu na época em que Hitler estava a ponto de chegar ao poder. Eu só soube de sua morte um ano depois. Eles decidiram esconder a notícia de mim.

**Alan Woods:** E o seu avô?

**Esteban Volkov:** Minha primeira lembrança dele foi quando cheguei à Turquia com minha mãe, na Ilha de Prinkipo, onde meu avô estava vivendo no exílio com minha avó adotiva, Natalya. Vivi lá, com eles, cerca de um ano. Lembro-me de acompanhá-lo em expedições de pesca entre as ilhas do mar de Mármara. Eu tinha cinco anos de idade então. Essa foi a primeira vez que encontrei meus avós.

Em agosto de 1939, finalmente, passei a viver com eles no México, um ano antes do assassinato. Viajei para o México com Alfred e Marguerite Rosmer. Tinha então 13 anos de idade, de forma que minhas lembranças são mais nítidas.

**Alan Woods:** Você pode descrever a vida da família Trotsky no México?

**Esteban Volkov:** Formávamos uma "família" numerosa. Eram camaradas de muitas nacionalidades. Havia alemães, e lembro-me de um camarada tcheco, mas a maioria era formada por americanos, e todos vieram para ajudar a defender a família. Eram de todas as esferas da vida, inclu-

indo alguns trabalhadores. Um deles era um motorista de caminhão, Jackie Cooper. Havia um pintor chamado Harold Robbins e outro, que era professor, Charlie Cornell.

**Alan Woods:** Como se lembra do trabalho de seu avô?

**Esteban Volkov:** Ele era uma pessoa extremamente ativa e dinâmica. Ele sempre se levantava cedo e passava algum tempo alimentando as galinhas e os coelhos, que eram a fonte de alimentos para todos nós, antes de começar a trabalhar. Esta era a sua maneira de fazer algum exercício físico. Você deve recordar que ele ficou praticamente trancado nesta casa. Depois, passava o dia inteiro em seus estudos, até cinco, seis ou sete horas, lendo e trabalhando em seus livros e manuscritos. Depois, à noite, havia geralmente discussões políticas com os camaradas.

**Alan Woods:** Que pode nos dizer sobre a tentativa de assassinato liderada pelo stalinista Siqueiros na noite de 24 de maio de 1940?

**Esteban Volkov:** Nas semanas e meses anteriores a esta tentativa, podia-se sentir a tensão crescente na casa. Os ataques na imprensa mexicana stalinista foram se tornando mais virulentos. Isso já indicava que algum tipo de ataque físico estava sendo preparado. Cerca de quatro horas da manhã, ouvi o portão do jardim sendo aberto subitamente e, logo depois, houve um barulho enorme de tiros e o local foi transformado em um campo de batalha.

Apenas pude distinguir uma silhueta dentro do meu quarto, e depois abriram fogo. Foram atiradas bombas incendiárias para

dentro, o que deixou o meu quarto em chamas. Eu me encontrava agachado por trás da cama em um canto do quarto. Mas quando vi as bombas, corri para o pátio e chamei por meu avô. Este foi um grande alívio para Trotsky e Natalya, que temiam inicialmente que eu tivesse sido sequestrado.

**Alan Woods:** Você foi ferido?

**Esteban Volkov:** Sim, fui atingido de raspão no pé por uma bala, o que deixou um rastro de sangue no chão. Rapidamente os atacantes fugiram e pude ouvir vozes de todos os lados. Toda a família se juntou e ficou muito feliz ao ver que todos tinham sobrevivido. Todos, exceto Sheldon Harte, o jovem guarda americano que tinha desaparecido. Isto nos preocupou a todos enormemente [ele foi mais tarde encontrado morto - nota de Alan Woods].

**Alan Woods:** E do que você se lembra do assassinato de seu avô? Você conhecia seu assassino, Jackson?

**Esteban Volkov:** Mercader? Sim, lembro-me dele. Ele era uma das pessoas que visitavam o lugar. Ele fez um grande esforço para estabelecer uma relação amigável com os guardas e também com os Rosmer. Ele sempre fazia pequenos favores, dando-lhes carona e assim por diante. Mas, de início, não manifestou grandes interesses em se reunir com o próprio Trotsky.

**Alan Woods:** Esta era sua tática?

**Esteban Volkov:** Isso mesmo. Foi uma forma de não chamar a atenção sobre si mes-

continuação da página anterior

mo e, assim, não levantar suspeitas. Ele estava vivendo com uma jovem americana chamada Sylvia Ageloff, que era trotskista, e dava a impressão de alguém que admirava muito os camaradas e que estava ansioso por ajudar, mas sem se envolver abertamente em política. Tudo fazia parte de uma tática e ele continuou fazendo isso por meses.

**Alan Woods:** Você se lembra do assassinato em si?

**Esteban Volkov:** Eu cheguei ao final de tudo. Fiquei na escola durante toda a tarde e fui andando para casa quando reparei movimentos incomuns em torno da casa, com pessoas indo e vindo, e um carro estacionado em frente. De repente, senti uma sensação estranha. Uma espécie de angústia, como uma premonição de que algo estava muito mal.

Aproximei-me e vi muita gente em estado de agitação tremenda. Alguns policiais estavam segurando Mercader que havia sido espancado pelos guardas e estava sangrando. Ele se encontrava completamente fora de si, lamentando-se e chorando. Depois fui ao escritório e vi meu avô estirado no chão. Parece que ele tinha pedido para me manterem afastado. Causou uma grande impressão em mim o fato de que, em seus últimos suspiros, ele tenha se preocupado com uma criança. Pouco depois, cheguei a ambulância e o levaram.

*Na próxima semana publicaremos a segunda parte da entrevista.*

**Nesta sessão, apresentamos pequenos textos críticos acerca das várias dimensões da vida humana, de preferência no plano internacional. Se você tiver contribuições (no máximo 5.000 caracteres com espaços), mande ver.**

## FALA COMUNIDADE

# É necessário levantar a cabeça e partir para a ofensiva pela qualidade de ensino da PUC-SP

*Guilherme de Almeida Soares*

Dirceu de Mello se eleger para reitor sob o discurso de que seria democrático e que durante sua gestão a polícia não entraria na PUC-SP e, com isso, conquistou muitos setores honestos que estavam descontentes com a antiga reitora Maura Véras. Este discurso se legitimou com refluxo e apatia do movimento estudantil após a derrota das lutas de 2007, que teve como principal marco a entrada da polícia militar no campus, repetindo o trágico episódio da entrada da polícia no campus em plena ditadura.

Apesar dos inúmeros discursos do reitor, a crise que a PUC-SP vem passando é mais do que fundamental para determinar a política que qualquer reitor terá. E no momento de crise fecha qualquer tipo de diálogo com a maioria da comunidade e com isso os professores, funcionários e estudantes têm que aceitar, calados, os diversos ataques da Reitoria.

Isso se mostrou também nas poucas lutas que tiveram no período de 2009 a 2011. Cada vez que os estudantes davam um passo concreto, como foi a ocupação de Reitoria ou outras lutas menores, o reitor mostrava uma face obscura, que nada se aproximava de um democrata, mas sim de um ditador. Assim, enquanto reprime de um lado, do outro oferece migalhas que não cor-

respondem à realidade concreta da maioria da comunidade.

Isto se mostrou presente durante a Audiência Pública, em 2010, quando o reitor prometeu que iria trazer o metrô para a PUC-SP e, por outro lado, confirmou o aumento da mensalidade, fazendo com que muitos presentes perdessem a confiança por ele. Constantemente estamos perdendo diversos direitos históricos e o mais trágico de tudo: o caráter histórico da PUC-SP, que abrigou um congresso da UNE em plena ditadura militar, se perdeu completamente e a universidade hoje está voltada para o capital.

O movimento estudantil da PUC-SP começou o ano demonstrando uma apatia na sua pior forma possível, com uma reunião a portas fechadas com a Reitoria para negociar as migalhas da desocupação desastrosa, fazendo com que o movimento estudantil, que um dia já foi combativo, se tornasse em um instrumento da Reitoria para frear as lutas dos estudantes. Nessas negociações, o reitor não cedeu muitas destas migalhas, como a questão do bandeirão, que o movimento estudantil queria, e este marco deveria ser um ponto final para romper com a apatia e partir para ofensiva.

Hoje é necessário levantar a cabeça e ir pra cima e não apertar os cintos. A posição conservadora da Reitoria, dos bancos e da

igreja é defensiva, pois eles sentem medo dos professores, funcionários e estudantes que podem ser sujeitos de sua própria história e transformarem esta universidade radicalmente democrática, mais do que era em 1977. Com isso é necessário revolucionar o movimento estudantil usando como exemplo a juventude árabe que está lutando contra seus ditadores e contra a situação de miséria que a crise capitalista está impondo. Sendo assim, é preciso desafiar qualquer migalha que a Reitoria quer nos dar.

Para o próximo semestre virão diversos ataques da Reitoria, como a demissão de professores e o fechamentos de salas. Como diria um professor, "a PUC-SP é um barril de pólvora prestes a estourar" e cada dia que passa isto se mostra mais claro. Ou nos mobilizamos e colocamos um basta na Reitoria, ou esta bomba vai estourar em nossas mãos.

"Sou estudante e quero estudar, mas a Reitoria não quer deixar". Esta frase hoje diz a vontade dos estudantes e com isso temos que gritar juntos "vamos pra luta", pois é o nosso direito de estudar que está em jogo e a Reitoria já mostrou que este direito não pode garantir.

*Guilherme de Almeida Soares* é estudante do 3º ano de Ciências Sociais e militante do Bloco ANEL às Ruas (LER-QI e Independentes)

## MOVIMENTOS SOCIAIS

# Aumentam assassinatos de lideranças no Pará

Mais um camponês foi assassinado por lutar pelos seus direitos. Na quinta-feira, 2/6, ocorreu a quinta morte de camponeses na região norte do país. A repressão aos movimentos sociais, e contra aqueles que buscavam combater a exploração na Amazônia só vêm aumentando.

Todas as mortes foram de lideranças de movimentos camponeses, que denunciavam a ação ilegal de madeireiros como Adelino Ramos, o Dinho, liderança do Movimento Camponês Corumbiara (MCC), assassinado enquanto vendia verduras em Vista Alegre do Abunã, distrito de Porto Velho (RO). Dinho era um dos sobreviventes do

massacre de Corumbiara, quando, em agosto de 1995, ao menos 12 pessoas morreram nas mãos de pistoleiros e PMs. Além dele, o casal de castanheiros que também denunciava há anos o extrativismo ilegal de madeira, José Cláudio Ribeiro da Silva e Maria do Espírito Santo da Silva, foram assassinados dias atrás.

Em moção de repúdio, a ABEPSS (Associação Brasileira de Ensino e Pesquisa em Serviço Social) enfatiza questões importantes: "estes atos expressam a violência contra trabalhadores e trabalhadoras do campo, que vêm com seu sangue pagando o preço por denunciarem a extração ilegal da madeira e defesa do

meio ambiente, e indica a brutal criminalização dos movimentos sociais. Segundo levantamento da Ouvidoria Nacional de Direitos Humanos, dos 71 assassinatos em Rondônia motivados por questões agrárias, a partir de 2001, mais de 90% dos casos permanecem sem punição."

Por todo país diversas manifestações e debates em repúdio à criminalização dos movimentos sociais vem ocorrendo. Na sexta-feira, 3/6, o curso de Serviço Social da Unifesp da Baixada Santista, realizou o ato-debate, "Contra a criminalização dos movimentos sociais, repúdio ao assassinato de Josés e Marias e em defesa do meio ambiente".

# Repressão não é exclusividade de São Paulo

A manifestação dos estudantes da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) contra o aumento das tarifas de ônibus terminou em um grande confronto com a tropa de choque do Batalhão de Missões Especiais (BME) da Polícia Militar, na última quinta-feira, 2/6.

As forças policiais usaram bombas de efeito moral e balas de borracha para dispersar o protesto, atingindo mulheres, crianças, idosos e pessoas que circulavam na região, uma das mais movimentadas da cidade.

Depois do confronto, os estudantes prosseguiram para as proximidades da UFES, mas a tropa de choque da PM foi acionada novamente, desta vez, disparando tiros de bala de borracha para dentro do campus. Vários militantes tiveram de ser hospitalizados e cerca de 30 foram detidos.

# Marcha pela liberdade reúne milhares em São Paulo

Relembrando maio de 1968, na tarde de sábado, 28/5, manifestantes distribuíam flores para todos que passavam pelo MASP, na avenida Paulista, e até mesmo para os policiais que formavam um enorme contingente ao redor do ato.

Proibida pela Justiça de São Paulo na véspera de sua realização, a Marcha pela Liberdade contou com cerca de 5 mil pessoas, que percorreram parte da avenida Paulista, a rua da Consolação, além de ruas do centro de São Paulo até dispersar na praça da República, onde uma grande projeção nas fachadas dos prédios mostrava bandeiras e cartazes do ato.



Marcha reuniu diversos movimentos sociais

A proposta da Marcha era a ampla defesa do direito de liberdade de expressão. Diversos movimentos sociais e organizações participaram do ato, movimento negro e movimento de mulheres, executivas de curso, representan-

tes de partidos políticos, grupos de ciclistas.

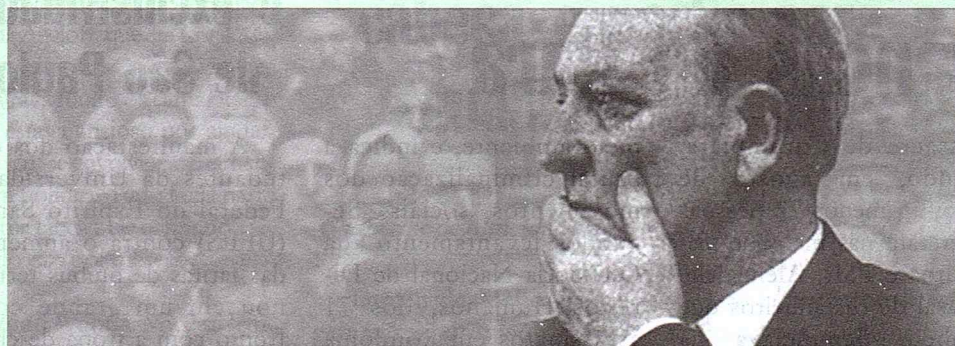
Para o dia 18/5 está sendo organizada uma Marcha Nacional pela Liberdade, com a proposta de unificar as lutas nacionalmente e trazer visibilidade a todas essas pautas.

# Ato repudia intervenções na Líbia e Haiti

No último sábado, 4/6, na Praça Ramos, foi realizado um grande ato contra as intervenções imperialistas na Líbia.

Os ativistas lembraram também que a data marca os sete anos de ocupação das tropas militares brasileiras no Haiti. Fato repudiado por todos os presentes na atividade. O ato foi organizado pelo Comitê Anti-Imperialista e apoiado pela APROPUC.

# ROLA NA RAMPA



## István Mészáros realiza conferências no Brasil

O filósofo húngaro István Mészáros vem ao Brasil nesta semana para apresentar a conferência "Crise estrutural necessita de mudança estrutural" em quatro cidades brasileiras (São Paulo, Salvador, Fortaleza e Rio de Janeiro). Além da conferência, Mészáros lançará o segundo volume de sua

obra "Estrutura social e formas de consciência".

Em São Paulo, o evento acontece no dia 8/6, das 19h30 às 22h, no TUCA, e é promovido pela APRO-PUC, Faculdade de Ciências Sociais da PUC-SP, Departamento de História, Núcleo de Estudos e Pesquisa em Ética e Direitos Humanos (NEPEDH) e Núcleo de Estudos de Histó-

ria: trabalho, ideologia e poder (NEHTIPO).

Mészáros é um dos mais importantes pensadores marxistas da atualidade e retorna ao Brasil após, em 2009, ter sido tema do III Seminário Internacional Margem Esquerda. Todos os eventos são gratuitos e não necessitam de inscrição.

## TUCA recebe Esteban Volkov, neto de Trotsky

Será realizada no próximo dia 6/6, às 19h30, no TUCA, a conferência com Esteban Volkov Bronstein, neto do líder revolucionário Leon Trotsky. Volkov foi o único sobrevivente da família de Trotsky, que foi toda assassinada a mando de Stalin na década de 40. Volkov, que dedicou sua vida a preservar e defender a obra e o legado de seu avô, fundou o Museu Leon Trotsky, que funciona na antiga casa do avô, no México, e agora vem ao Brasil, aos 85 anos de idade, para ministrar conferências públicas sobre a atualidade da obra de Trotsky. O evento conta com realização da Editora Marxista e co-organização da APROPUC, Flaskô, Sindicato dos Químicos-SP e Sindicato dos Vidreiros-SP.

## Evento debate movimento estudantil na PUC-SP

Durante as comemorações dos 140 anos da Comuna de Paris uma mesa, realizada na tarde de sexta-feira, dia 27/5, debateu a Auto-organização estudantil. Comandada pelo estudante Vinicius de Souza Patrício, a mesa contou com a participação da professora Marijane Lisboa, da Faculdade de Ciências Sociais, do aluno de Direito Aldo Sauda, e do aluno de pós-graduação Wanderley Nery. Os participantes traçaram uma perspectiva de como acontece hoje o movimento estudantil na PUC-SP tendo em vista as experiências de décadas anteriores na universidade e a perspectiva histórica de movimentos como o de maio de 1968.

## Semana de Jornalismo da PUC-SP debate liberdades

Entre os dias 30/5 e 3/6 aconteceu mais uma Semana de Jornalismo da PUC-SP, organizada pelo Departamento de Jornalismo, Centro Acadêmico Benevides Paixão e estudantes independentes. Com o tema "Liberdade contra os muros", o evento debateu questões ligadas ao jornalismo, que passam pelas diversas concepções de liberdade na sociedade. A mesa de quinta-feira, por exemplo, com a presença de Ricardo Soares, Leonardo Sakamoto e João Zinclar, debateu a liberdade do jornalista na imprensa, expondo como a concentração no sistema de comunicação brasileiro restringe a liberdade do jornalista. Na mesa de abertura, o professor de Filosofia da USP, Paulo Aran-

tes, fez um resgate histórico da ditadura civil-militar até os dias atuais, ressaltando como o processo desenvolvimentista que o país atravessa atualmente teve seu embrião

no golpe de 1964. A liberdade ainda foi problematizada no âmbito dos esportes, sistemas políticos, no cinema, na crítica da imprensa e nos movimentos sociais.



Na mesa de quarta-feira à noite, a estudante Beatriz Macruz, o professor Wladyr Nader e o crítico de cinema Inácio Araújo